

Críticas e desculpas

12 FEV 1997

FHC

O presidente Fernando Henrique Cardoso cumpriu, mais uma vez, o desagradável papel de bombeiro dos incêndios provocados por seus ministros. As consequências incendiárias do ministério nunca deram margem a demissões, como seria normal, à guisa de demonstração inequívoca de discordância de FHC em relação aos atos ou palavras de seus desastrados ministros.

Essa esperança, porém, os ofendidos — pessoas ou instituições — não devem alimentar. Quando muito, o presidente deixará passar alguns dias do incêndio (a reação presidencial habitualmente não é imediata) e apresentará aos atingidos, em nome dos ofensores, pedidos formais de desculpas públicas. Dir-se-ia que todos ministros de FHC são totalmente irresponsáveis e inimpugnáveis, para perceberem, eles mesmos, os males que fazem às pessoas ou às instituições.

Tanto já se repetiu esse tipo de prática, seja em relação ao Congresso, aos deputados e senadores, ao Supremo Tribunal Federal, ao Tribunal de Contas da

União e, agora, ao governador Jaime Lerner, do Paraná, que o presidente FHC e seus ministros agem como se seguissem um *script*. Cada qual faz seu papel — os ministros, de vilões; e o presidente, de mocinho —, mas sabendo, todos, que, no final, tudo acabará bem.

Casos houve, no entanto, em que as agressões, até gratuitas, feitas a sindicalistas ou a partidos e parlamentares da oposição, não seguiram o ritual completo, da arnica depois do soco ou da mordida. Nesses casos, o presidente deixou que os agressores de sua equipe atacassem ou mordessem à vontade, porque mordiam ou golpeavam gente que o incomoda e o critica. Por esse motivo, aliás, não podia deixar de causar surpresa a declaração feita pelo presidente, em Porto Alegre, durante encontro com jornalistas do mundo inteiro, que ali discutiam problemas da imprensa.

Disse FHC apreciar o jornalismo crítico e “irritante para os governos mas com irritação de boa fé”. Como quem julga a boa ou má

fé da crítica é quem, geralmente, se sente criticado, o presidente, a rigor, ao condicionar o direito de crítica, deu a entender que ele não gosta de ser criticado, embora dissesse apreciar a crítica.

Fosse outra a intenção recôndita do presidente, com a ressalva contida em suas palavras, e, sem nenhuma dúvida, os boletins que a Radiobrás distribui diariamente, com a resenha dos jornais, conteriam todas as críticas, justas ou injustas, feitas a seu governo. Mas não é o que acontece. Professores zelosos vetam alguns jornais e muitos críticos.

O curioso, nesse caso, é que o presidente não parece estranhar o aplauso quase unânime da mídia incluída nos boletins da Radiobrás. A única explicação para tal fato é que essa unanimidade foi útil ao presidente, na conquista do direito à reelegibilidade e da eleição dos candidatos de sua preferência à direção da Câmara e do Senado. Mas, ao falar da crítica, FHC deve saber que os jornalistas sabem do que seus áulicos não querem que ele saiba.